



CRIANÇAS DO GUETO

1

ELIAS
KHOURY
MEU
NOME
É ADAM

Traduzido do árabe por
Safa Jubran

Tabla

Introdução 13

Prefácio (o testamento) 21

O baú do amor (projeto de um romance: primeiro rascunho) 27

Waddah do Iêmen (entrada 1) 29

Vida e sofrimento do poeta Waddah do Iêmen (entrada 2) 32

A loucura do amante (entrada 3) 41

Confusões relacionadas ao nome (entrada 4) 50

O baú da morte (entrada 5) 58

A noite da rainha (entrada 6) 64

O baú do silêncio (entrada 7) 70

Adam Dannun 83

As duas orações de refúgio 85

Interseções 97

Sede 107

O cego e o goleiro 114

O testamento: Manal 120

O testamento: camela de Deus 131

A traição dos pais 142

Sonho feito de palavras 161

Os dias do gueto	171
De onde veio o gueto?	173
Lacunas da memória	232
Meu avô que era um profeta	240
Mapa da dor	254
O abismo	261
O labirinto	277
Cena um	326
Cena dois	329
Cena três	330
Cena quatro	332
Cena cinco	335
Cena seis	338
Cena sete	344
<i>Sonderkommando</i>	354
A soleira	358
Glossário	365

Para Jad Tabet e Anton Chammas

*Diz: São iguais, os que sabem
e os que não sabem?*

ALCORÃO, “Os Grupos”, versículo 9

INTRODUÇÃO

Esses cadernos chegaram a mim por acaso. Hesitei muito antes de decidir enviá-los à editora Dar-Aladab em Beirute para serem publicados. Na verdade, minha hesitação se devia àquele sentimento misterioso que combina admiração e inveja, amor e ódio. Encontrei-me várias vezes com o autor e protagonista desses textos, Adam Dannun ou Danon, em Nova York, onde trabalho como professor universitário. Lembro-me da primeira vez em que comentei sua beleza com minha aluna coreana, no fim de fevereiro de 2005, se não me falha a memória, quando saímos depois do seminário para comer um sanduíche de *falafel* e vimos aquele homem preparando os sanduíches com gentileza e afabilidade. Ele era alto, quase magricela, e tinha ombros largos um pouco arqueados. O cabelo castanho, com mechas grisalhas, fazia parecer que ele usava uma coroa brilhante. Acho que o brilho provinha dos olhos cinzentos, levemente esverdeados. Eu disse à minha aluna coreana que entendia agora por que ela gostava desse restaurante israelense, que não era por causa da comida, mas do seu dono. Contudo, eu estava enganado: aquele foi provavelmente o melhor sanduíche de *falafel* que já comi na vida. Nós, em Beirute, afirmamos que fazemos o melhor *falafel* do mundo, e os palestinos dizem que os israelenses roubaram o *falafel* deles, o que está certo, mas acho que os dois estão errados, pois o *falafel* é o alimento preparado mais antigo que a humanidade conhece, sendo de origem faraônica, se nos aprofundarmos na pesquisa, e coisa e tal.

O restaurante se chamava Palm Tree, isto é, Palmeira, e quando o homem bonito se aproximou, com seu rosto retangular pálido e uma covinha no meio do queixo, e começou a falar com minha aluna em hebraico, Sarang Lee virou-se para mim respondendo em inglês,

e assim fomos apresentados. O homem então passou a falar comigo em árabe, e Sarang Lee expressou em inglês sua admiração pelo seu dialeto palestino, e ele respondeu algo em hebraico que não entendi.

Quando seguimos caminhando no frio, Sarang Lee sugeriu que fôssemos tomar algo. Fiquei surpreso com a proposta, pois não saio com minhas alunas; ainda me lembro do aviso que recebi do meu amigo armênio Barão Hakob — a quem Edward Said chamava de “Rei do Sexo” — sobre assédio, que aqui chamam de *harassment*. Ele disse que a mínima alegação de uma estudante de que eu a assediei arruinaria minha vida e destruiria meu futuro acadêmico.

Concordei em beber algo com Sarang Lee, pois vi nos seus olhos que ela queria me contar algo. Tomamos uma taça de vinho branco no Lanterna, o café favorito do meu amigo armênio e o mais frequentado por Hanna Alakkari, um antigo militante da Frente Popular, que me acompanhava para tomar alguns tragos e recordar os dias idos dos sonhos revolucionários.

Fazendo um brinde a ela, eu disse, rindo, a Sarang Lee que não é nosso costume beber vinho depois do *falafel* e esperei que ela falasse. Mas ela não disse nada, e, depois de um silêncio que me pareceu eterno, perguntei-lhe se estava apaixonada. De repente, os olhos da jovem de vinte e dois anos brilharam com lágrimas. Não posso dizer que Sarang Lee chorou, mas foi o que me pareceu, e então ela disse que não sabia, mas que me amava também.

A palavra “amar” provocou uma tremura no meu coração, que logo foi dissipada pela palavra “também”, o que significava que ela amava o israelense, mas não queria ferir meus sentimentos. O amor não passava pela minha cabeça naqueles dias, sobretudo o amor com uma garota muitos anos mais nova do que eu. Mas encontrei na distinção da minha nova aluna, no seu acanhamento e na sua encantadora beleza asiática, algo que me levou a prestar uma atenção especial nela. Naquele dia, descobri que estava iludido.

Não, a palavra “iludido” não cabe aqui, pois a garota só me enviou sinais triviais de admiração, e isso é o que aconteceria com qualquer aluna em relação ao seu professor. Perguntei-lhe o que o homem velho dissera, então ela sorriu e respondeu que ele não era velho, “ele

é da sua idade, meu querido professor”, e então ela completou com malícia gentil: “A não ser que o senhor se considere um homem velho”. Ignorei seu comentário e insisti em perguntar o que o homem havia dito, e ela respondeu: “Ele disse que falou no dialeto do povo da Galileia por causa do senhor, porque é próximo do dialeto libanês”. Ela disse que se tratava de um segredo, que mesmo conhecendo bem Israel, pois havia passado a infância em Tel Aviv, não conseguia saber a identidade exata desse homem — se era palestino e alegava ser israelense, ou o contrário —, mas que ele era uma figura excepcional.

Sarang Lee proferiu a palavra excepcional com os olhos brilhando de amor. Não encontrei nada para dizer, pois senti que havia algo misterioso. Num segundo encontro, ela me contou o segredo sobre a nacionalidade do homem: “Sim, ele tem um passaporte israelense, mas é palestino, acho que da região de Lidd, e ele gosta dessa confusão. Não se importa que as pessoas pensem que ele é judeu”.

Não voltei a encontrar aquele homem que gostava dessa confusão, mas minha aluna continuava a contar coisas engraçadas sobre ele; dizia que o achava mulherengo, mas encantador. Não me importei com os caprichos daquele israelense que dominava o árabe, ou o palestino ambíguo que falava hebraico como se fosse sua língua nativa, nem com seu charme; eu tinha ciúme dele, mas era um ciúme mudo. Não sei por que passou pela minha cabeça que ele poderia ser um agente do Mossad israelense, e por isso a confusão e o disfarce, mas não me importei. Eu queria que minha aluna ficasse longe dele apenas por esse motivo. Quando errei e minha língua escorregou e lhe contei sobre minhas desconfianças, ela ficou brava e abandonou o café na Cornelia Street, onde passáramos a nos encontrar numa média de uma vez a cada duas semanas, pois era um pouco longe dos olhos dos curiosos da Washington Square, que é praticamente o centro da Universidade de Nova York, onde eu trabalhava.

Uma vez, Sarang Lee me disse que Adam não gostava de mim, e que ele tinha dito a ela que desconfiava desse professor, e disse mais coisas, mas ela não queria me contar; disse que ele desconfiava das minhas intenções em relação a ela, e quando ela me defendeu, dizendo que eu não tinha sequer insinuado a possibilidade de termos

um relacionamento, o homem ficou com raiva e disse que ele não se referia a esse aspecto, mas a algo mais importante, e perguntou se ela tinha lido meu romance *Porta do sol*, e comentou que os escritores eram criaturas nada confiáveis e que um dia ela poderia se ver como protagonista de um dos meus romances.

Fiquei impressionado com a reação dela quando me perguntou, garbosa, se ela servia para ser protagonista de um romance!

Não quero falar de mim, e se não tivesse sido Sarang Lee o motivo da chegada desses cadernos às minhas mãos, eu não teria mencionado meu relacionamento com ela, que, em todo caso, não foi nada mais do que uma troca de olhares. Contudo, fiquei surpreso de que a ideia da minha amiga ser protagonista de um romance a seduzisse. E ela se tornou uma, infelizmente não pelas minhas mãos, mas pelas mãos do meu rival. Perguntei-lhe o que ele disse sobre *Porta do sol*, e ela respondeu apenas que ele não gostou, e eu acabei descobrindo sua posição por mim mesmo quando o filme israelense *Olhares cruzados* foi exibido no Cine Village, na Rua 12.

Não vou relatar o que aconteceu no cinema nem a raiva que me acometeu, pois não tenho o direito de me intrometer nas histórias do autor desses cadernos, já que o leitor lerá a história segundo Adam Dannun e ele será o árbitro entre nós dois, da mesma forma que Sarang Lee lerá sua história, ou trechos dela, neste livro, caso seja traduzido para o inglês, e então descobrirá que o homem israelense, que não era israelense, não a amava pois achava que ela me amava, e que o mal-entendido que deixou marcas na vida de um vendedor de *falafel* acabou salvando a garota coreana de um relacionamento que teria sido devastador para a sua vida.

Quando Sarang Lee me trouxe os cadernos, ela contou que o homem morreu queimado. Parece que pegou no sono enquanto fumava deitado na cama e as fitas de gravação que preenchiam as prateleiras da sua biblioteca pegaram fogo; quando os bombeiros chegaram, o homem estava morto. Eu duvidei da história, dizendo-lhe que era uma imitação exata da forma como morreu, em Nova York, o grande poeta palestino Râchid Hussain, que traduziu Bialik para o árabe. Ela disse que achava que Adam cometera suicídio e que arquitetou sua

morte para ser idêntica à morte de Hussain porque amava aquele poeta e sabia seus poemas de cor. Sarang Lee disse que, uma semana antes da sua morte, ele lhe entregara uma pequena carta contendo seu testamento e lhe pediu que não a lesse, a menos que lhe acontecesse algo. Pedi-lhe que me deixasse ler a carta, mas ela recusou. E caiu em prantos quando contou que ela e Naúm, o sócio israelense de Adam no restaurante de *falafel*, realizaram seu desejo e assim, a pedido dele, cremaram o corpo e jogaram as cinzas no rio Hudson. Mas ela ficou espantada com o fato de que a pasta que continha esses cadernos tenha se salvado. As bordas azuis foram queimadas, e as cinzas cobriam toda a pasta. No entanto, os cadernos estavam intactos, e os textos escritos em tinta preta pareciam iluminados pelo fogo. Ela não fez a vontade de Adam, não queimou a pasta contendo os cadernos; levou-a para sua casa, mas não conseguiu decifrar as letras árabes e por isso decidiu entregá-la a mim, e me fez prometer não fazer nada sem consultá-la.

Sarang Lee talvez tenha pensado que eu faria o que ela não pôde fazer, e que, devido ao problema que aconteceu no cinema, eu queimaria esses papéis, pois eu, com meu temperamento impetuoso, que muitas vezes me causou desastres, gritei com Adam, disse-lhe que era um homem mesquinho, e que atacou meu livro porque não entendeu nada, pois eu escrevera uma história, e não História, e não poderia saber os destinos verdadeiros de personagens que inventei. Não sei por que ele insistiu em dizer que conhecia os personagens do meu romance, parecia um lunático delirante, e eu tive que ler os textos dos cadernos para entender o significado das suas palavras.

Naquele dia, Adam saiu do cinema seguido por Sarang Lee, enquanto eu tremia de ódio. Eu disse ao meu amigo Haím que aquele homem era um mentiroso, alegando ser israelense para as suas amantes, mesmo sendo palestino, e que sua identidade palestina foi seu grande argumento contra meu romance, como se eu não tivesse o direito de escrever sobre a Palestina só porque não nasci de pais palestinos!

Os cadernos que Sarang Lee me deu eram universitários, comuns, do tipo “Five Star”, cujas folhas eram unidas por uma espiral, em que na primeira página se encontravam os calendários de 2003,

2004, 2005, 2006 e 2007, e que podiam ser comprados em qualquer papelaria de Nova York. Parece que o escritor planejava escrever uma obra bastante extensa para precisar de todos esses cadernos e das suas capas coloridas.

Eu li esses cadernos três vezes, sem saber o que fazer com eles. Hoje, sete anos depois, não sei por que decidi voltar aos textos. Eu os li de novo, com os olhos do tempo que apagou o ódio pelo homem e o substituiu pela tristeza. Fiquei triste por ele e por mim, e depois de uma longa hesitação, decidi publicar esses cadernos dos quais tanto desejei ter sido o autor.

Verdade seja dita: eu deparei com um grande problema, o que me fez hesitar muito antes de tomar minha decisão.

Uma ideia diabólica tomou conta do meu pensamento: roubar o livro e publicá-lo no meu nome — assim realizaria meu sonho de escrever a segunda parte de *Porta do sol*, algo que fui incapaz de fazer. O que escrever depois do assassinato de Chams e da morte de Nahla? Minha caneta secou depois dessas mortes e senti que perdi a capacidade de escrever; entrei num estado de depressão, conhecido na literatura árabe como “finamento do amante”, quando a morte sufoca o amante no instante em que o amado se ausenta. Encontrei minha salvação apenas no protagonista do meu romance *Yalo*, que me forçou a estudar siríaco, e, com esse novo alfabeto que aprendi, redescobri o amor como uma porta para a traição.

A ideia de plagiar o livro não significava publicar seu texto literalmente tal como o encontrei, mas reescrevê-lo considerando-o matéria-prima. Disse a mim mesmo que não seria o primeiro a fazê-lo, mas acredito, e é isso que ensino aos meus alunos, que cada escrita é uma forma de reescrita, e que o roubo literário é permitido para aqueles que dão conta dele. O que os críticos árabes chamaram de “os roubos de Almutanabbi” talvez fosse um exemplo de plágio literário que equivale à criatividade, se não é superior a ela. Cholokhov, autor de *O Don silencioso*, um dos maiores romances da literatura russa, também foi acusado de roubar um manuscrito durante a Guerra Civil Russa, e isso não mudou a importância do romance ou a posição do seu autor na história da literatura moderna russa.

Contudo, depois de tentar reescrever o texto várias vezes, descobri que não podia continuar, pois, em vez de ser um ladrão, estava me tornando copista. E, em vez de trabalhar o texto, tive a sensação de que ele estava me controlando, a ponto de sentir que minha vida se dissolvia para se tornar uma parte da vida do homem e da sua história; e parecia que ela me dominava tão completamente que eu temia perder minha alma e entrar no labirinto da sua memória. Decidi, portanto, abandonar de vez a ideia.

O leitor perceberá que esses cadernos contêm textos incompletos, uma mistura de romance e autobiografia, de realidade e ficção, de crítica literária e literatura. Não sei como classificar o texto, em termos de forma ou conteúdo: combina escrita com esboço e mescla narração com contemplação, verdade com imaginação, como se as palavras se tornassem espelhos de si mesmas, e assim por diante.

Finalmente, quero enfatizar que este livro contém o texto integral do manuscrito que recebi de Sarang Lee, ao qual não adicionei palavra alguma, apenas atribuí títulos aos capítulos internos, acreditando que isso fosse necessário para guiar o leitor, e não omiti coisa alguma. Mantive intacta até mesmo a crítica violenta que o autor dirigiu ao meu romance, e estou convencido de que o prezado leitor vai reconhecer que se trata de uma violação dos meus direitos e de uma injustiça em relação a mim e à minha escrita.

Mudei a ordem dos cadernos, hesitando, no entanto, diante daquele de capa vermelha, que começa com um esboço de um romance sobre Waddah do Iêmen, que o autor parece, no fim, ter decidido não escrever. A princípio, resolvi publicá-lo separadamente, tomando-o como o plano para um romance sobre o amor cujo herói era o poeta omíada Waddah do Iêmen; mas depois abandonei a ideia, ao descobrir que esse projeto atravessava e permeava todos os cadernos. Também hesitei diante das numerosas passagens analíticas que encontrei nos outros cadernos, as quais o autor não excluiu, porque seu livro nunca seria publicado, ou por achar que o revisaria antes de publicá-lo.

Primeiro decidi pôr essas passagens, que pareciam esboços, em notas; depois pensei em aplicar negrito para diferenciá-las, mas desisti das duas ideias, pois estava convencido de que não tinha o direito de

fazê-lo, e de que o leitor entrará, com essas passagens, no jogo intertextual e explorará como eu, lendo este manuscrito, a estética dos começos e a natureza mágica da relação entre o escritor e seu texto. Da mesma forma, transformei o prefácio — um texto curto, semelhante a um testamento, que encontrei num caderno de capa azul — numa introdução a este livro.

O manuscrito não tinha título, e eu realmente compilei uma lista de possibilidades antes de chegar à ideia de usar o nome do autor como título, que assim passa a ser *Cadernos de Adam Dannun*. Dessa forma, o autor do livro teria conseguido fazer o que outros autores não conseguiram, ou seja, transformar-se em protagonista de uma história que ele viveu e escreveu.

Mas mudei de ideia no último minuto, pouco antes de enviar o manuscrito para a editora, e decidi que este livro revela um fato que ninguém tinha notado antes: as palestinas e os palestinos que conseguiram permanecer na sua terra eram as crianças dos pequenos guetos nos quais foram encurraladas pelo novo Estado, que se apropriou do seu país e apagou seu nome.

Por isso decidi dar o título *Crianças do gueto* a esta obra e assim contribuir, mesmo que apenas um pouco, para a escrita de um romance que sou incapaz de escrever.

Enfim, peço desculpas a Sarang Lee por não tê-la consultado quanto à publicação desses cadernos como um romance escrito por Adam Dannun, certo de que ela ficará feliz em se ver entre os personagens deste romance.

Elias Khoury
Nova York/Beirute
12 de julho de 2015

PREFÁCIO

(O TESTAMENTO)

Sento-me, sozinho, no meu quarto no quinto andar, vendo a neve cair sobre Nova York. Não sei como descrever meus sentimentos em relação a essa janela retangular em cujo vidro vejo minha alma se quebrar. Ela se tornou meu espelho, no qual minha imagem se perde entre as outras imagens de aglomeração nesta cidade. Sei que Nova York é minha última parada. Aqui morrerei, meu corpo será cremado e as cinzas serão espalhadas no rio Hudson. Assim deixarei escrito no meu testamento, pois não tenho túmulo numa terra que não é mais minha para que pudesse pedir para ser enterrado nela, abraçado aos espíritos dos meus antepassados. Nesse rio, abraçarei os espíritos de estranhos e me encontrarei com aqueles que encontraram, no encontro com estranhos, um parentesco que substitui o parentesco perdido. Sei que acabei de transformar dois versos de um poema de Imrú Al-qais numa prosa nada poética, mas não me importo: afinal, ninguém lerá estas palavras depois da minha morte, pois recomendarei que estes cadernos sejam queimados junto comigo, para que também possam ser jogados no rio. Tal é o destino do homem e das palavras: as palavras também morrem, deixando um lamento que sangra, igual ao que nossas almas emitem enquanto desaparecem na neblina do fim.

Fiz dessa janela meu espelho para que eu não tivesse que olhar meu rosto no espelho. Assim, ele se dissolve nos outros rostos, minhas feições desaparecem, e consigo decretar um fim para o fim que me escolheu e acabo com o sonho de escrever um romance que não sei como escrever nem por que deveria fazê-lo. Perdi o romance no instante em que pensei que o encontrara. É assim que as coisas se perdem. E foi assim que Dália se perdeu, a mulher que desapareceu da minha vida no exato momento em que pensei que tinha chegado

a hora de eu escrever minha vida nos seus olhos, e que havia concordado que deveríamos ter um filho e começar. O começo, ou o que pensávamos ser o começo, era o fim. No entanto, o fim aparente, que me levou a deixar meu país, parecia mais um falso começo, quando imaginei que poderia encontrar um substituto para a vida escrevendo-a. Essa ilusão se apoderou de mim quando o diretor de cinema israelense, que era meu amigo porque falava a língua que eu tinha resolvido esquecer, sugeriu que a vida de cada indivíduo daria um romance ou um filme.

Enfiei meus cadernos nesta pasta e pedirei que eles sejam queimados e que suas cinzas sejam guardadas numa garrafa. Também pedirei à minha jovem amiga que misture as cinzas dos cadernos com as minhas antes que tudo seja jogado no rio. É estranha minha relação com essa jovem que veio do nada e permaneceu no deslugar de onde veio! Ela me amava ou amava o professor da Universidade de Nova York? Ou teria amado a ideia do amor, usando-a como substituta para nós dois?

Quando decidi emigrar para Nova York, estava determinado a me esquecer de tudo e decidido a mudar meu nome no momento em que obtivesse a cidadania americana, embora tudo indique que vou morrer antes que isso aconteça. A morte é um direito, e o direito que tenho da morte é minha morte. Não, não estou doente. Não tenho nada que me leve a pensar tão incessantemente na morte. Em geral, são os doentes e os idosos que morrem, e eu não sou nenhum dos dois. Passei dos cinquenta anos e já estou na última volta da vida, como dizem. Minha vontade de viver se arrefeceu por causa de uma mulher que decidiu, num momento de insanidade, me abandonar e abandonar seu amor por mim — e ela estava certa. Ela tinha razão. Temos que abandonar as coisas antes que elas nos abandonem. No entanto, comecei a redescobrir como o desejo se infiltra nas articulações, e não estou falando apenas de sexo, mas de tudo, em especial da sede de vodka e vinho que me varre, de modo que sinto uma dormência nos lábios, e minha caixa torácica estremece logo com o primeiro gole.

Uma renovada voluptuosidade pela vida e uma permanência nas margens da morte: um paradoxo que me confunde, mas sei que a morte será vitoriosa no fim, pois a morte não tem o direito de ser derrotada.

A morte, cujo fantasma vejo diante de mim, não nasce da desesperança. Vivo na pós-desesperança; não estou desanimado nem solitário. Criei meu próprio desalento e dele fiz uma sombra sob a qual me refugio e que me impede de cair na ingenuidade e na futilidade. Quanto à solidão, ela é minha própria escolha: assim que termino o trabalho, volto para o meu quarto e começo a escrever. Minha solidão é minha escrita, e será meu único título. Não consegui escrever o romance que queria, então decidi escrever uma grande metáfora, uma metáfora universal, elaborada por um obscuro poeta árabe que viveu no período omíada e que morreu como morrem os heróis. Depois, e de repente, descobri que metáforas são inúteis. Nova York me ensinou que nada no nosso mundo é original ou autêntico. Tudo é metáfora, ou assim me pareceu! Por que eu deveria escrever mais uma metáfora para acrescentar às metáforas dos outros?

No começo, escrevi a metáfora que escolhi para expressar a história do país de onde vim. Mais tarde, tendo decidido que metáforas eram inúteis, não rasguei o que escrevera, mas retrabalhei parte do material para me permitir recontar as circunstâncias em que a ideia havia nascido e suas razões. Então, no auge da fúria, decidi abandonar por completo a metáfora, parar de escrever o romance e me dedicar a recuperar minha própria história, para que eu pudesse escrever a verdade pura, despojada de todos os símbolos e metáforas. Acho que falhei em alcançar esse novo objetivo, mas descobri grande parte do que escapou da minha memória ou afundou nas suas dobras. A memória é um poço que nunca seca: ela aparece e se esconde para que esqueçamos quando não esquecemos, ou para que não esqueçamos quando esquecemos. Não sei!

Não me lembro de ter lido nada sobre a relação entre ira e escrita, mas a decisão de escrever minha própria história foi resultado da raiva; uma cólera selvagem que tomou conta de mim por dois motivos que não se relacionam. Um deles foi meu encontro com o cego Mamun, que me surpreendeu com a história dúbia sobre meus pais, a qual não significou nada para mim no início, mas que começou a assumir proporções aterrorizantes depois da visita do diretor israelense Háim Zilbermann ao restaurante, quando ele me convidou

para assistir ao filme *Olhares cruzados*. Ali, testemunhei — e esse foi o segundo motivo da minha raiva — a história da minha amiga Dália ser despedaçada, e depois vi o autor do romance *Porta do sol* ficar ao lado do diretor israelense careca e se apresentar como especialista na história da Palestina, e mentir.

Os dois contaram muitas mentiras, por isso não consegui deixar de gritar e sair do cinema, com Sarang Lee ao meu lado. Ela pegou meu braço e me levou para o café, mas, em vez de me apoiar, começou a me explicar que eu estava errado.

É verdade. Eu estava errado, e o que escrevi aqui é um registro dos meus erros. Anotei a ira e os erros e disse a mim mesmo que era meu dever, que eu tinha que terminar minha vida com uma história. Vivemos para ser transformados em histórias, nada mais! E foi por isso que escrevi tanto, só para descobrir que o silêncio é mais eloquente do que as palavras e que desejo que estas palavras sejam queimadas.

Contudo, estou acovardado. Sou incapaz de cometer suicídio, incapaz de levar estes cadernos a cometer suicídio e incapaz de voltar ao meu país para recuperar minha alma — como me aconselhara Karma, a mulher palestina que conheci como uma irmã a quem minha mãe não tinha dado à luz, e que depois desapareceu da minha vida. Encontrei Karma de novo, por coincidência, aqui em Nova York, e prometi a ela que voltaria, mas não sei. Talvez eu não seja sincero. Provavelmente não sou, mas não tenho certeza, por isso entreguei uma carta curta a Sarang Lee e pedi a ela que não a abrisse a menos que algo aconteça comigo, e a encarreguei da missão que não pude cumprir: pedi-lhe que queimasse estes cadernos depois da minha morte.

Não sei se quero que as chamas consumam estes papéis, mas agora é tarde demais, e é melhor assim. Tenho certeza de que a lua amarela que iluminou um canto da minha alma fará o que considerar correto.

Hesitei muito antes de decidir enviar estas folhas para alguma editora árabe, não por acreditar que aquilo que escrevi não fosse importante, mas pela decepção da relação entre o mundo da escrita e o da publicação, em que os escritores se esforçam para buscar a imortalidade para o seu nome, ou qualquer relação com a imortalidade. Não acredito na imortalidade, nem das almas, nem das palavras: é tudo

vaidade. A vaidade das vaidades somos nós — como nosso senhor Salomão escreveu. Não sei como poetas e escritores se atreveram a escrever depois do *Cântico dos cânticos* e do *Eclesiastes*! O escritor que era um profeta, um rei e um poeta, o amante que amava todas as mulheres, o poderoso que dominou o reino dos djins, escreveu que “tudo é vaidade”, então por que adicionar minha vaidade à dele?

Agora, estou sentado sozinho. Minha janela está aberta aos espelhos da neve. Inalo a brancura e ouço o lamento dos ventos que sopram pelas ruas de Nova York. Beberico uma gota de vinho e trago a fumaça do meu cigarro para dentro dos pulmões. Abro meus cadernos, leio e sinto espinhos na garganta. Fecho a janela e cerro os olhos. Minha história é como espinhos, minha vida são palavras, e minhas palavras, rajadas de vento.

O BAÚ DO AMOR

(PROJETO DE UM ROMANCE:
PRIMEIRO RASCUNHO)

WADDAH DO IÊMEN

(ENTRADA 1)

Foi um poeta, um amante e um mártir do amor.

É assim que vejo Waddah do Iêmen, um poeta de cuja linhagem — e mesmo existência — os narradores e os críticos divergem. Para mim, porém, ele representa o que há de mais extremo em relação ao que o amor é capaz — uma morte silenciosa. O poeta se calou pois queria proteger sua amada, e o baú da sua morte, no qual o califa Al-walid Ibn-Abdulmalik o enterrou, era o baú do seu amor.

O título do romance será *O baú do amor*, e não vou fazer com ele o jogo da alegoria. O amor é a mais sublime de todas as emoções; é seu mestre e senhor. É o que dá sentido às coisas. Só o amor e a escrita dão sentido à vida, que não tem nenhum.

Recuso-me a escrever uma alegoria, pois o leitor que verá na história de Waddah do Iêmen um símbolo da Palestina estará simplesmente reduzindo-a a uma metáfora humana para os palestinos e para todos os perseguidos do mundo, incluindo os judeus.

Não quero me alongar na explicação dos significados de um texto — não estou confiante na minha capacidade de escrever nada a respeito do tema —, mas sempre que eu lia na cara dos meus amigos israelenses, ou em textos israelenses, o desprezo ou a crítica aos judeus da Europa por terem sido conduzidos ao massacre como ovelhas, eu me sentia sufocado. Acho que a imagem os transforma em heróis, como acho que a crítica oca dirigida a eles só aponta para a tolice daqueles que pensam que o poder que possuem agora durará para sempre; na verdade, esse desprezo pode ter sido o primeiro sinal do racismo que mais tarde se espalharia como uma epidemia na sociedade política israelense.

Mas o que tenho eu a ver com isso?! Adoro a imagem do carneiro abatido — uma emoção que posso ter adquirido da minha mãe,

cristã, que, sempre que olhava para a foto do seu irmão Dawud, que se perdera no exílio, dizia que ele se parecia com um carneiro, pois tinha um quê do Senhor Jesus — que a paz esteja com ele.

No entanto, a ideia da história nada tem a ver com “uma ovelha que foi levada ao abate sem abrir a boca”, de acordo com o profeta Isaías; ela me ocorreu quando vi o filme *Os enganados*, de Tawfiq Salih, uma produção síria dirigida por um egípcio, baseada no romance *Homens ao sol*, do palestino Ghassan Kanafani. O filme me abalou profundamente, me fez reler o livro e decidir escrever esta história.

Não gostei do grito no fim do romance. Os três palestinos que entraram no tanque d’água de um caminhão, conduzido por um homem cujo nome e aparência estão envoltos em mistério, morreram sufocados no tanque, no qual deveriam ser contrabandeados de Basra, no Iraque, para o “paraíso” do Kuwait. Eles morreram no inferno do tanque antes de cruzar a fronteira para o Kuwait, sem agir, fazendo com que o romance gritasse nos ouvidos do motorista aquele “por quê?” quase sufocado. Porém, o diretor egípcio, Tawfiq Salih, mudou o final, e assim, em vez de, como no romance, o motorista questionar os três palestinos por que não bateram na lateral do tanque, vemos as mãos deles batendo nas laterais do tanque e do filme.

No entanto, em ambos os meios, bater ou não bater não teria feito diferença, pois seria impossível para os oficiais da fronteira do Kuwait, dentro das salinhas e ensurdecidos pelo barulho do ar-condicionado, escutar alguma coisa, fazendo assim com que a verdadeira questão não fosse o silêncio dos palestinos, mas a surdez do mundo aos seus gritos.

Pensei em escrever meu romance a partir de uma perspectiva diferente: não dedicaria uma única palavra à Palestina e isso me salvaria do caminho escorregadio que transformou o romance de Kanafani num símbolo cujos elementos você tem que desconstruir para chegar àquilo que o autor queria dizer.

Não gosto de passar mensagens na literatura. A literatura é como o amor: perde seu significado quando transformado num meio para outra coisa que vai além dele, pois nada vai além do amor, e nada significa mais do que as palpitações da alma humana que pulsam na literatura.

Sim. A literatura existe sem referência ao significado localizado fora dela, e eu quero que a Palestina se torne um texto que existe sem referência à sua atual condição histórica, pois, pela minha longa experiência neste lugar, acredito que nada dura, exceto a ligação com o *adim* — a pele — da terra, do qual deriva o nome Adam — que a paz esteja com ele —, nome que me deram quando nasci. Meu nome, com referência ao nosso senhor Adam, foi o primeiro significante, e alude à relação do homem com sua morte.¹

Waddah do Iêmen desenhou uma história de amor surpreendente, não vivida por nenhum outro amante, nem antes, nem depois. Foi único — um poeta que brincava com palavras, descansava nas rimas e montava o ritmo. No fim, ele decidiu ficar em silêncio para salvar sua amada e morrer como os heróis de histórias não escritas.

Nunca lhe ocorreu bater nas laterais do baú, e eu, ao contrário de Kanafani, nunca lhe perguntarei aquele maldito “por quê?”.

Vou deixá-lo morrer, vou viver com ele seus últimos momentos no baú e darei à sua amante — que só é mencionada na literatura árabe como Umm-Albanin, “mãe de filhos” — um nome que faz da sua morte um grito final de amor, garantindo assim, à sua história, um lugar nas fileiras das histórias de amantes mortos. Essa amante — a esposa do califa — se chamava Rawd, “jardim”. Esse é o nome que vou lhe dar, pois o amor do poeta por ela começou com uma confusão de nomes, na medida em que, depois da morte da sua primeira amada, Rawda, ele encontrou em Umm-Albanin seu jardim e seu túmulo; assim as duas amadas, as duas mortas e as duas assassinas se confundiram na sua mente, e ele, através do silêncio que escolheu como equivalente para a sua poesia, tornou-se a vítima, pois o único correlato da poesia são os intervalos do silêncio, cujos ritmos são precisamente afinados com os da alma.

1 Adam é Adão em árabe. Optamos por manter Adam ao longo de todo o texto, mesmo quando se refere ao Adão bíblico. (N. T.)

VIDA E SOFRIMENTO DO POETA WADDAH DO IÊMEN

(ENTRADA 2)

Disse o narrador:

*Ó Rawda de Waddah,
fizeste de Waddah do Iêmen teu cativo!
Dá, então, a teu amado,
vinho claro e puro.
Seu aroma, o do marmelo,
seu sabor, o de vinho envelhecido.
Casal de pombos no galho
atiça meu desejo por ti.
Enamorados, compartilham
amor e achego do convívio.*

Foi isso que o amante declamou para a sua amada, mas o poema se misturou na cabeça do poeta: sobre qual Rawda ele escreveu? As duas mulheres com o mesmo nome teriam se tornado uma?

O que é o amor? E como pode a paixão nos invadir a ponto de nos tornarmos seu brinquedo e seguirmos obedientes ao nosso destino?

O que é esse mistério, que fez com que um poeta que estava à beira da insanidade, devido à separação forçada da sua amada Rawda, e do colapso ao vê-la no vale dos leprosos, deixasse sua terra natal na península Arábica e fosse para a Síria, apenas para encontrar seu fim numa nova história de amor?

Será que seu amor pela primeira Rawda morreu quando encontrou a segunda Rawda?

Como começa o amor, e como desaparece e morre?

Ibn-Hazm de Córdoba — Deus tenha misericórdia dele — disse: “O amor é acidente, e um acidente não pode ser suscetível a outros acidentes. Ao mesmo tempo, é um atributo, e os atributos não podem mais ser qualificados...”. Esse atributo que engole a coisa descrita transformando-se nela é que levou os amantes, na literatura árabe clássica, ao seu destino. O destino é outro nome para fatalidade, e a fatalidade é a morte. O amor, no entanto, não se torna fatalidade, nem esta, morte, a menos que seja tecido em versos pelo poeta, que transforma as tremuras do coração em palavras, e o fascínio dos olhos em espelho. Não há amor sem uma ode ao amor, nem ode sem uma história que possa ser escrita às suas margens, momento em que a margem se torna o texto e o texto principal se transforma num destino. Foi nisso que os poetas acreditaram e foi isso que levou os amantes às tragédias, daí então suas odes se tornarem símbolo da sua loucura, e sua loucura, uma personificação da sua paixão.

Das centenas de livros sobre o amor que fazem parte do patrimônio da literatura árabe clássica, sinto-me próximo de um em especial, *O colar da pomba*, compilado por Ibn-Hazm em Xativa no ano de 418 a.H. (1027 d.C.). Nesse livro, que espalha amor nas narrativas e declama o sofrimento dos amantes em colares de odes, encontrei a definição mais precisa desse sentimento que consome a mente e conquista a memória, transformando a imaginação num estado parecido com a doença, e a enfermidade em cura.

Ibn-Hazm diz: “Amor, que Deus te exalte, começa em jocosidade e termina em seriedade. Por serem majestosos, seus aspectos são muito sutis para se descrever, e sua verdadeira natureza só pode ser conhecida por meio do sofrimento”. Essas palavras me cativaram com sua sabedoria e sua desesperança. No entanto, como tudo o que se diz sobre esse tipo de sentimento, o tema só pode ser definido em termos negativos, pois o amor pode ser descrito apenas por meio da resistência à dor, enquanto a dor não tem nomes nem atributos.

O que me chamou a atenção na descrição elaborada pelo erudito andalusino foi a relação entre “jocosidade” e “seriedade”, que resume a relação entre o início do amor e seu fim. Provavelmente, o que o autor quis dizer com seriedade é o viver sofrido, a dor, e talvez a morte,

mas nunca lhe ocorreu lidar com a questão mais crítica, ou seja, o fim do amor. De repente, o amante se vê esvaziado do amor, como um vaso cuja água foi derramada. Essa é a seriedade que excede aquela descrita pelos contadores das histórias de amor. Todos eles param na separação, ou na partida cujo extremo é a morte, como disse Almutanabbi. Ninguém, no entanto, ousou abrir a porta do mistério maior que fica à espreita na escuridão da alma humana, aquele que obscurece o momento em que tudo some e cuja dor excede todas as outras. Não estou falando aqui da dor do amante abandonado, que infla os romances e outros livros, mas da dor do amante que perde seu amor por motivos que não são claros, que se vê vazio e insípido e descobre dentro dele uma desesperança profunda — inspirada por si mesmo, não pelos outros nem pela morte.

É em torno dessa desesperança que escreverei a história do meu belo poeta, Waddah do Iêmen, a história do seu amor por duas mulheres e a da sua morte, duas vezes.

Se eu tivesse a ousadia daqueles que escrevem autobiografias, escreveria sobre minha própria tristeza e dor. Não o faria porque Dália me deixou quando ficou debilitada por causa do filme que ela estava fazendo sobre seu amigo Assaf que cometeu suicídio, mas porque, de repente — de repente, juro por Deus! —, e sem um motivo claro, acordei um dia de um sono pesado, encharcado com a umidade e o calor sufocante de Yafa, e descobri que meu amor, que tinha durado dez anos inteiros, havia evaporado. Senti que tudo era vaidade. Como pude não ter sido paciente, depois de todos esses anos durante os quais eu experimentara dor, ciúme e medo, com a mulher em quem via tudo que existia de mais belo, mais puro e mais afável? Dália era a luz dos meus olhos: quando olhava para ela irradiando amor e brilhando, eu enxergava a luz e apalpava meu caminho pelas sombras deixadas por aquela luz e aquela alegria. É lógico que eu deveria ter sido paciente com ela no momento da maior provação da sua vida, quando descobriu como seu amigo Assaf tinha morrido. Ele era quinze anos mais novo e Dália cuidava dele como de um filho. Ela costumava me falar da sua fragilidade dizendo que dentro dele havia um artista que não seria capaz de suportar o serviço militar obrigatório no Exército israel-

lense. E no meio do seu trabalho num filme sobre um amigo dele, que foi o primeiro israelense a ser morto durante a Segunda Intifada palestina, Assaf cometeu suicídio, deixando uma fita de vídeo semelhante à deixada pelos homens-bomba palestinos antes de irem para a morte. Naquele dia, Dália teve um colapso nervoso e me disse, enquanto discutíamos sua decisão de parar de fazer cinema, que ela não me amava e que iria desaparecer da minha vida para sempre.

Eu sabia que ela me amava, que suas palavras eram apenas fruto de uma crise no nosso relacionamento e que eu precisava esperar por ela, e na verdade era o que eu tinha decidido fazer. Eu sabia que o amor era a arte da espera. Havia praticado essa arte ao longo dos anos da minha relação com Dália, e estava preparado para fazê-lo de novo e entrar nos mundos da paciência e da latência, mas de repente senti, enquanto tomava meu café da manhã e sonhava com o chuveiro de água fria que iria remover os traços da noite úmida dos meus olhos e corpo, que eu era medíocre e vazio e que não amava mais essa mulher nem queria mais esperar por ela. Na verdade, eu queria fugir desse lugar que estava me sufocando e esquecer a mulher cujo encanto, de repente, desapareceu como se nunca tivesse existido.

Fiquei impressionado com a dor, não porque a perdi quando ela foi embora não sei para onde, mas porque me perdi. Descobri que a maior dor não vem do amor, mas da sua perda, e que eu tinha entrado no turbilhão da desesperança de mim mesmo, o que me levaria seis meses depois a emigrar para a América e trabalhar no restaurante de *falafel*. Essa é outra história que não interessa a ninguém, além de não me interessar também por ter sido apenas uma maneira de usar o tempo para matar o tempo — ou pelo menos foi o que pensei — até que o fantasma de Waddah do Iêmen voltasse a ocupar a minha imaginação, como imagem desejada, meu sonho que não se realizou nem na escrita, nem no amor.

Quem era Waddah do Iêmen?

Conheci Waddah do Iêmen num livro. Foi em 1978, quando eu era professor na escola em Haifa. Ensinava gramática árabe para jovens, confundindo-me com a declinação nominal do dual, sem compreender por que ele ainda não tinha desaparecido da língua árabe,

como aconteceu nas outras línguas antigas, e sem saber como me salvar da armadilha daquela língua cuja musicalidade me encantava, mas cujas regras eu me sentia incapaz de ensinar porque as extirpára da minha memória quando entrei no Departamento de Literatura Hebraica da Universidade de Haifa. Um colega me aconselhou a ler o *Livro das canções* de Abu-Alfaraj Alasfahani e, naquela incomparável enciclopédia poética e lírica, encontrei meu poeta.

Ou melhor, não. Antes de encontrá-lo, eu já tinha dominado o dual e me apaixonado por ele, descobrindo que a porta de entrada para a língua dos árabes e sua poesia era aquela relação entre o “eu” e sua sombra, que havia sido moldada pelo senhor dos poetas árabes, Imrú Alqais Alkindi Aliamani, nosso avô, mestre e líder no paraíso da música e da poesia.

Imrú Alqais não era um amante como aqueles que vieram depois dele. Dizem, mas só Deus sabe, que esse poeta nunca existiu — uma ideia concebida pelo reitor da literatura árabe, Taha Hussain, no seu livro *A poesia pré-islâmica*. Da mesma forma, a famosa história sobre o reino perdido do poeta seria apenas uma alusão à história de um certo notável de Kinda e à sua relação com o islã. Mesmo a existência de um nobre *hadith* do profeta Muhammad, que diz que “o Rei Errante” levaria os poetas ao fogo infernal, não conseguiu demover o escritor egípcio — considerado um dos fundadores do modernismo cultural árabe — da sua convicção.

Não me importa que Imrú Alqais seja real ou inventado. Afinal, o que significaria aqui ser “real”? Temos uma história associada a esse poeta e temos seus poemas, o que é suficiente para torná-lo real, mais real do que a própria realidade. Segue-se que não entendo como os escritores podem defender seus heróis dizendo que eles são fictícios e não factuais. Malditos sejam! Considero Hamlet mais real do que Shakespeare; e o idiota, mais real do que Dostoiévski; e Yunis, mais autêntico do que aquele escritor libanês que distorceu sua imagem em *Porta do sol* etc. (Aqui terei que fazer uma nota de rodapé para dizer que conheço, pessoalmente, Khalil Ayyub, narrador de *Porta do sol*. Na verdade, eu me atreveria a dizer que conheço todos os heróis dos romances de que gosto, tanto quanto conheço Khalil Ayyub.)

Imrú Alqais me ensinou o dual, em que o “eu” do poeta é dividido em dois, tornando-se o espelho de um “eu” que se refrata sobre as sombras do poeta no deserto, e o diálogo entre o “eu” e o “eu” torna-se o ponto de partida para a relação entre palavra e música.

Conhecer Imrú Alqais não foi suficiente para mim. Viajei pelo *Livro das canções* como se visitasse minha memória e observei como meu próprio eu se tornou o receptáculo de uma tempestade literária, poética e linguística que sacudiu meu ser e me transformou também em dois homens habitando um único corpo. De repente, o árabe adormecido dentro de mim encontrou o cidadão israelense que deixou de ensinar e passou a escrever num pequeno jornal israelense publicado em Tel Aviv. Essa também é uma história que não é importante para o nosso presente tema, e não creio que tenha algum significado que ultrapasse o estritamente pessoal.

No *Livro das canções*, deparei com Waddah do Iêmen, mas a única coisa nele que me chamou a atenção foi a sua beleza. Trata-se de um dos raros casos na literatura clássica em que um homem é descrito como bonito, e sua beleza era tão provocativa que ele foi obrigado a cobrir o rosto. A poesia dele, no entanto, está aquém do nível alcançado pela poesia amorosa da sua época. Sua mísera produção não pode ser comparada com a de Qais Ibn-Almulawwah, “O Louco”, nem com a de Jamil, ou Umar Ibn Abi-Rabía, e, apesar de eu ter lido a história comovente da sua morte, não percebi então o significado e a importância que tinha. Li a história sem prestar muita atenção, considerando-a produto da imaginação, e fiquei inclinado a crer que Waddah do Iêmen não era um poeta de verdade, mas uma história de amor romântica à qual alguns versos tinham sido adicionados para atribuir ao seu herói certa nobreza. (Naqueles dias, bastava ser poeta para alcançar uma posição social mais elevada.)

Os árabes antigos construíram sua lenda literária sobre a tríade poeta-rei-profeta. Esse esquema começou com Imrú Alqais, que era poeta e rei, e chegou ao seu apogeu com Almutanabbi, que era poeta e profeta, e aspirava à realeza. Os traços desse esquema permanecem gravados até hoje na poesia árabe, feito tatuagem.

Nossa relação com os poetas começa com o amor que temos pelos seus versos. Sem esse amor, o poeta perde sua presença pessoal na nossa vida e esquecemos sua história, ou era assim que eu pensava até conhecer o poeta palestino Râchid Hussain. Primeiro, familiarizei-me com Râchid por meio do poema “Ele era o que se tornou”, de Mahmud Darwich, e fiquei assustado com a ousadia de Darwich em comparar o homem a um campo de batatas e milho, dizendo a mim mesmo que um homem que era igual a um campo de batatas merecia ser um grande poeta. Li os três livros de poesia de Râchid e fiquei decepcionado: gostei da sua poesia, mas senti que era pré-poesia, que abria caminho para os outros poetas que viriam depois dele e escrevia um soletrar do “eu” anterior ao domínio da linguagem na qual se expressa.

Quando, porém, olhei para a imagem do poeta na capa de um livro publicado nos Estados Unidos e editado por Kamal Bullata e Mirene Ghussain, fiquei espantado: era um homem bonito, com uma luz interior que emanava dos olhos. Um poeta que escreveu sua própria história poética ao morrer queimado num pequeno apartamento em Nova York.

Encontrei o livro na Livraria Strand, na Rua 12, em Manhattan, numa bancada de livros usados, vendidos na entrada, e paguei apenas um dólar por ele. A história da morte desse poeta palestino num incêndio causado pela bebida e pelo cigarro aceso me levou a reler seus poemas, e senti que sua história era sua poesia, e que a tristeza manifestada nas suas palavras era simplesmente uma introdução à história da sua morte.

Râchid Hussain não morreu de amor ou por causa dele. Morreu de desesperança, e seu desalento de então se assemelha ao meu agora. O poeta morreu como herói da sua própria história. Eu, por outro lado, não tenho coragem de cometer suicídio, e é por isso que não posso escrever minha própria história como fazem os heróis; pelo contrário, tenho que escrever a história deles para me aproximar de mim, inventando histórias para esconder minha incapacidade de ser um herói.

Foi a partir dessa perspectiva que redescobri Waddah do Iêmen, e a história de seu amor e morte, que me parecia ingênua trinta anos

atrás, assumiu um novo significado, não apenas como uma metáfora que poderia servir para expressar os eventos da Nakba palestina (tal como aquela primeira leitura parecia indicar, com o amante escolhendo o silêncio para proteger sua amada), mas também como uma expressão do que se segue à desesperança que chega quando o amor morre e se dissipa. Assim, a morte do poeta em silêncio se torna significado do significado, ou o momento em que a vida adquire significado através da morte.

Terei que escrever a história duas vezes. A primeira, como a história da morte do amante que busca proteger a vida e a honra da sua amada; e a segunda, como a história da morte que vem para dar um significado às emoções que esvanecem.

A história de Waddah do Iêmen, como a de outros apaixonados, começou com o amor. Ele se apaixonou por uma jovem e escreveu sobre ela e para ela, mas, para evitar escândalos, sua família casou-a com outro, e o poeta enlouqueceu. A história de Waddah se assemelha à de Majnun da Laila. Qais Ibn-Almulawwah enlouqueceu não por ter amado, mas por ter se tornado parte da sua poesia; o homem se dissipou por inteiro, desaparecendo de toda história, a ponto de muitos estudiosos suspeitarem da sua existência, considerando-o mera lenda e alegando que a maior parte dos seus versos foi equivocadamente atribuída a ele.

Waddah do Iêmen foi um poeta que enlouqueceu, e sua história quase caiu no esquecimento no vale dos leprosos, onde sua primeira amada foi enterrada viva. A grandeza de Waddah do Iêmen, no entanto, reside na sua capacidade de transcender o bramido das palavras e revelar a eloquência do silêncio. É por isso que ele morreu de maneira cruel, proclamando o silêncio como o mais alto nível do dizer, pois guarda dentro dele a eloquência da vida, que excede, na sua capacidade expressiva, qualquer forma retórica que a linguagem possa conceber.

(Nota: parece que, em vez de escrever sua história, estou analisando uma história que nunca foi escrita, e essa é uma das desvantagens da profissão que escolhi. Decidi, sem um motivo claro e depois de obter a qualificação em literatura hebraica pela Universidade de

Tel Aviv, me tornar professor. E em vez de me ligarem a uma escola hebraica, eles me mandaram para a escola Wadi-Annisnas em Haifa e me deram a disciplina de literatura árabe para ensinar. Fugindo do cansaço e das inconveniências dessa profissão, fui para Tel Aviv, onde trabalhei com jornalismo e acabei não sendo nem uma coisa, nem outra — mas aqui não é lugar para essa história.)